

“TEMOS QUE ENTREGAR NA MÃO DE DEUS E DOS ORIXÁS”: DESAFIOS DAS COMUNIDADES DE TERREIRO DIANTE DA DEMONIZAÇÃO

KAROLINE BAPTISTA PERES¹; AMANA ROCHA MATTOS²

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro - psikarolineperes@gmail.com

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro - amanamattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se destina a refletir sobre o discurso racismo religioso na contemporaneidade, tendo como caso disparador os ataques ao terreiro *Asé Olode Ala Orum*, localizado no bairro de Madureira - subúrbio do Rio de Janeiro. Por *medo* de represálias, membros do templo religioso não denunciaram o acontecimento, que segundo o babalorixá Paulo César de Albuquerque, responsável pelo templo, o espaço foi atacado 2 vezes, em 4 meses em 2019. O babalorixá relatou em reportagem ao Jornal Extra¹ no dia 01 de Junho de 2019 que qualquer dia terão que cultuar nas matas devido uma intolerância nunca vista antes, em 19 anos de existência do terreiro: “Fica uma insegurança, com certeza. Temos que entregar na mão de Deus e dos orixás. Podem quebrar tudo, menos a nossa fé e a nossa força”.

2. METODOLOGIA

Para tentar responder a pergunta “como as comunidades tradicionais de terreiro (CTTro) podem cultuar diante da demonização de sua existência?”, lançamos mão da perspectiva decolonial, que é epistêmica, teórica e política (BALLESTRIN, 2013), já que vivemos em um arranjo relacional que nos permite encontrar práticas coloniais que não foram superadas com o fim do colonialismo (a primazia do cristianismo, do machismo e da heteronormatividade). Como o discurso age na criação de desejos, expectativas, incitações e projetos (MOSCHETA, 2014) e associa-se a uma dinâmica de poder (FOUCAULT, 2012),

¹ Terreiro de candomblé, em Madureira, é atacado pela segunda vez em quatro meses.”, disponível em <<: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/terreiro-de-candomble-em-madureira-atacado-pela-segunda-vez-em-quatro-meses-23712034.html>.> Acesso 31 de Julho de 2019.

analiso os elementos que agem no perigo do discurso (na ordem das leis e da moral) e seus procedimentos de exclusão através da separação entre o que é verdadeiro e falso (FOUCAULT, 2012). Isto é, através da separação entre a religião verdadeira do Eu *branco* em detrimento da vivência sagrada do Outro *negro* (KILOMBA, 2019).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo dados do Relatório sobre Intolerância Religiosa e Violência Religiosa (RIVIR) no Brasil de 2011 a 2015, foram registrados 965 casos de intolerância religiosa, apesar da subnotificação. De acordo com os dados, candomblé (30%), umbanda (22%), bem como outras Religiões de Matriz Africana (15%) lideram as denúncias (FONSECA, 2018). O fato de serem as CTTro as que mais sofrem ataques, demonstra a colonialidade do poder neste território colonizado (BALLESTRIN, 2013). No período colonial, a expansão do domínio europeu e suas formas de conhecimento, bem como a conceituação de raça, naturalizaram as diferenças fenotípicas e culturais, através também da imposição do universo simbólico judaico-cristão (BITTAR, 2010).

Há discursos que são agenciados para que as mesmas sejam concebidas como materialização do “mal”, principalmente através expansão de igrejas neopentecostais, que se caracterizam por difundir a Teologia da Prosperidade e a guerra espiritual contra o “diabo” (MARIANO, 1996). Ademais, leem o “mundo” como um espaço de guerra do “exército do Senhor”, se utilizando de êxtase emocional e de uma narrativa bélica (VITAL DA CUNHA, 2015), como é feito no livro de Edir Macedo (1987) “Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?”

Macedo (1987) afirma que é necessário “Orar sem cessar, e vigiar” para se alcançar milagres, pois a Bíblia adverte que o diabo rodeia “procurando ceifar aqueles que estão dormindo espiritualmente”. (MACEDO, 1987, p. 104), o que pode ser ilustrado neste trecho, onde associa as CTTro ao diabo “na ânsia de conseguir seus objetivos, puseram-se a visitar cabanas, centros e terreiros de feitiçaria, para consultar os mais diversos guias infernais (erês, pretos-velhos, caboclos, exus, etc.). Acabaram na ‘rua da amargura’” (MACEDO, 1987, p. 74-75).

Lanço mão da metáfora “A Boca”, utilizada por Kilomba (2019), para analisarmos esta acusação. O uso da máscara, oficialmente, era utilizado para que pessoas escravizadas não comessem cana-de-açúcar ou cacau, porém sua

função era engendrar mudez e medo. Ao acusar o sujeito *negro* de roubo do que é seu, o *branco* nega seu projeto de colonização e o institui (KILOMBA, 2019). O *sujeito negro* passa ser, então, um inimigo intrusivo, o qual o *sujeito branco* não quer ser associado. Ao reiterar o poder das divindades africanas de fazer o mal, "são posicionadas como algozes do desenvolvimento e da prosperidade do ser humano" (LEANDRO; SANFILIPPO, 2018, p. 94). A partir do antagonismo cristão e não cristão, organizam-se outras categorias: bem-mal, Deus-diabo, espiritual-mudando, santo-profano, adoração-idolatria, liberto-possuído, evangélicos-comunidades de terreiro, culto-feitiçaria, etc.

Além de Edir Macedo, o "caso Alice", em Birman (2009), é importante para compreendermos o processo de associação das CTTro com a desordem. Alice foi do candomblé por 30 anos, era faxineira e possuía relação indireta com o tráfico (dois namorados de sua filha, onde um deles tinha um pai, pai de santo). Alice nem sempre associou as CTTro ao mal. Entretanto, conforme Birman (2009), Alice acompanhou a "decadência" se abater sobre o pai de santo, que além de tudo, teve seu outro filho assassinado. Em comparação, a vizinha de Alice era dona de uma "birosca" e tinha um filho que se tornou pastor da denominação de Edir Macedo, o que gerava orgulho. Os motivos para "largar" sua religião foram se tornando mais fortes. Como o pedido que fez a Exu para que matasse o filho do pai de santo, por ter posto a vida de sua filha em risco. Segunda a mesma, foi atendido, através de uma invasão policial, que fez seu ex-genro morrer igual ao Zé Pilintra. Em suma, para Alice, sua religião não promoveu prosperidade, ocasionou uma guerra e ainda levou alguém a morte (BIRMAN, 2009).

4. CONCLUSÕES

O discurso que demoniza as CTTro associa-se a uma rede de símbolos que reproduz a exclusão das CTTro. Os agentes deste discurso podem ser facilmente percebidos quando são aqueles associados ao tráfico (VITAL DA CUNHA, 2015). No entanto, a máscara dos que fomentam o racismo religioso é desvelada durante cultos de libertação e no medo, que se presentifica na realidade do terreiro *Asé Olode Ala Orum*. Compreendemos esta realidade como pertencente à colonialidade do poder (BALLESTRIN, 2013), o que justifica denominar estes ataques de racismo religioso. Tido como primitivo, o corpo negro e tudo que veio com sua diáspora, inclusive sua espiritualidade, era, e é concebido como contravenção penal e precisa ser apagado (BITTAR, 2010).

Processo ilustrado pelo caso de Edir Macedo e pela realidade a qual Alice vivia, atravessada pela cultura evangélica de seu território (BIRMAN, 2009). Os elementos desta narrativa fazem parte da acusação pela qual as CTTro passam, permitindo que terreiros sejam atacados com mais frequência, conforme dados do RIVIR (FONSECA, 2018) e como temos assistido em nosso cotidiano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLESTRIN, L. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política. Brasília. n. 11, p. 89-117, 2013.

BIRMAN, P. **Feitiçarias, territórios e resistências marginais**. Mana 15(2): 321-348, 2009.

BITTAR, E. C. B. **O Direito à Tradição, as Religiões de Matrizes Africanas e os Direitos Humanos**. n. 61, p.309-329, dez, 2010.

FERNANDES, N. V. E. **A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra Religiões de matriz africana**. Revista Calundu – vol. 1, n. 1, jan, 2017.

FONSECA, A. B. **Primeiras análises do Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011-2015)**. In: In: Estado laico, intolerância e diversidade religiosa no Brasil. Ministério dos Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Cidadania, p. 22-48, 2018.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LEANDRO, M. E; SANFILIPPO, L. B, **Deus e o Diabo na prateleira do mercado: reflexões e narrativas de um racismo religioso vigente**. Revista Periferia, v. 10, n. 1, p. 89-99, Jan./Jun. 2018.

MACEDO, E. **Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?** Rio de Janeiro, Universal Produções, 1987.

MARIANO, R. **Os neopentecostais e a teologia da prosperidade**. Novos Estudos no 44, Março, 1996.

MOSCHETA, M. dos S. **A pós modernidade e o contexto para a emergência do discurso construcionista social**. In: Construcionismo Social: discurso, prática e produção do conhecimento. Rio de Janeiro: Instituto Noos, p.23-47, 2014.

VITAL DA CUNHA, C. **Oração de Traficante: uma etnografia**. 1. Ed, Garamond, Rio de Janeiro, 2015.